



A arquitetura moderna já tomou a maior parte do antigo bairro

Progresso acaba com tradições na velha Vila Rubim

A Vila Rubim, numa demonstração de não imunidade ao progresso, vai perdendo, de modo rápido, suas características de bairro surgido há mais de 60 anos. Muitos dos velhos prédios cederam — e outros vão cedendo — lugar a recentes construções, num processo acelerado de modernização. Mas, embora modernizando-se, a Vila ainda guarda remanescentes de um passado afinal não tão distante.

Vistos, por exemplo, na arquitetura dos antigos edifícios, que estão a desafiar o tempo e a especulação imobiliária, e nos móveis ainda originais das primeiras casas comerciais, como a Andião, a Giacomini, a Ronchi, a Vicentini, a Mário Zardini, todas instaladas há 30, 40 ou 50 anos. Os comerciantes pioneiros convivem, com a modernização, com o desenvolvimento, mas sem aceitá-los de forma integral. Isto, motivados pela insegurança típica de centros urbanos e, principalmente, pelo ruído provocado pelos veículos que trafegam nas avenidas Alexandre Buaiz, Elias Miguel e Duarte Lemos, respectivamente entradas e saída de Vitória. Um movimento que se inicia às 4 horas, com o tráfego dos coletivos, e que só termina 21 horas depois.

TRADIÇÃO

Há pouco tempo, uns três anos, a Vila perdeu uma de suas tradições: o Bar Santos, fundado na década de 30. Nele, que funcionava das 2 às 5 da manhã, já estiveram, segundo relembra um de seus ex-proprietários, José Caseira, o presidente João Figueiredo, o governador de Minas, Tancredo Neves e, além de jornalistas, políticos, artistas, juizes e desembargadores, teve fregueses assíduos, como o Dr. Beza, superintendente da Estrada de Ferro Vitória-Minas, que o frequentou durante 25 anos.

O fogão de lenha, usado no preparo dos alimentos, as mesas em ferro e mármore e a maioria das prateleiras afixadas nas paredes já não existem mais. Das prateleiras resta apenas uma, o espaço físico interior já sofreu várias reformas e, descaracterizado, é agora uma lanchonete. Embora ainda conserve o nome, depois da primeira transferência, em 1980, o atual é seu terceiro proprietário.

Há 42 anos, Antônio Pietro Giacomini é dono da primeira Casa Giacomini, e a da Duarte Lemos. E durante todo este tempo executa o mesmo trabalho: o conserto de máquinas de costura manuais. "Desde 1941 — conta ele — estou aqui consertando máquinas. E elas ficam melhores que novas". Em sua loja, estão à venda as mais variadas peças para decoração. São moinhos de café, imagens de santos, oratórios, máquinas manuais de costura...



Henrique, considera que com o aterro, a área do Mercado se desenvolveu muito. "E desenvolveu tanto que acabou com o sossego da gente. Com esta barulhada, a gente perdeu o sossego e aos poucos vai ficando surdo com este movimento que só acaba de madrugada.

O aterro afastou o mar, acabando consequentemente com o cais localizado então onde hoje é o supermercado Bom Preço, um lugar, como conta Jaime Ronchi, em que se fazia transporte de cargas vindas de Caçaroça e café ou passageiros para Santa Leopoldina. Mas, se afastou o mar, o aterro propiciou a valorização imobiliária da região.

Hoje, na Vila, segundo informa o proprietário da Solaris, Domingos Coelho, apartamentos com dois quartos estão sendo alugados por Cr\$ 50 mil, e com três, por Cr\$ 85 mil. A venda de um apartamento nesta última condição está em Cr\$ 9 ou Cr\$ 10 milhões. Na faixa dos imóveis comerciais, os preços são infinitamente maiores, dependendo da área. Pelo andar térreo uma área de 230 metros quadrados, onde está sua loja, a firma Itapoã paga Cr\$ 452 mil mensais, e em casos de espaços menores, como de 28 metros quadrados, os locatários estão pagando Cr\$ 77 mil.

O MERCADO

Quando se fala na Vila Rubim, quase que automaticamente se associa o Mercado no lugar, e quem conheceu a região nos idos de 1950, como Ascendino Gonçalves, fala das transformações. Ele conta que em 1955, as mercadorias eram vendidas "ao céu aberto", e posteriormente — onde hoje estão a peixaria e o aviário — começou a funcionar um pequeno mercado, conhecido como Coréia, onde eram muitas as confusões entre doqueiros, pivetes e a Polícia. Depois, segundo complementa, foram construídas palafitas para onde passou o mercado velho.

O mercado é o que se pode chamar de um autêntico comércio persa, onde se encontra desde abacaxis até roupas e calçados. Quando da instalação dos atuais galpões, na administração Setembrino Pelissari, os comerciantes de frutas e verduras consideravam-se satisfeitos por não terem concorrentes. Uma si-

depois.

TRADIÇÃO

Há pouco tempo, uns três anos, a Vila perdeu uma de suas tradições: o Bar Santos, fundado na década de 30. Nele, que funcionava das 2 às 5 da manhã, já estiveram, segundo relembra um de seus ex-proprietários, José Caseira, o presidente João Figueiredo, o governador de Minas, Tancredo Neves e, além de jornalistas, políticos, artistas, juizes e desembargadores, teve fregueses assíduos, como o Dr. Beleza, superintendente da Estrada de Ferro Vitória-Minas, que o frequentou durante 25 anos.

O fogão de lenha, usado no preparo dos alimentos, as mesas em ferro e mármore e a maioria das prateleiras afixadas nas paredes já não existem mais. Das prateleiras resta apenas uma, o espaço físico interior já sofreu várias reformas e, descaracterizado, é agora uma lanchonete. Embora ainda conserve o nome, depois da primeira transferência, em 1980, o atual é seu terceiro proprietário.

Há 42 anos, Antônio Pietro Giacomini é dono da primeira Casa Giacomini, e a da Duarte Lemos. E durante todo este tempo executa o mesmo trabalho: o conserto de máquinas de costura manuais. "Desde 1941 — conta ele — estou aqui consertando máquinas. E elas ficam melhores que novas". Em sua loja, estão à venda as mais variadas peças para decoração. São moínhos de café, imagens de santos, oratórios, máquinas manuais de costura...

E ele vai falando sobre cada uma delas: "Esta máquina de costura em ferro tem 150 anos e foi fabricada por alemães. Os oratórios, todos eles foram feitos a facão e canivete, e têm de 50 a 150 anos. "Os preços também são os mais variados: a máquina de 150 anos custa Cr\$ 10 mil, os oratórios de Cr\$ 5 a Cr\$ 50 mil e as imagens barrocas de Cr\$ 5 a Cr\$ 25 mil.

Num dos pontos nevralgicos de Vitória, a Vila é tida como o centro comercial dos pobres. Aliás, não só deles, mas também da classe média, que ali ocorre em grande frequência para fazer suas compras. Em suas lojas de sapatos, tecidos, confecções e armarinhos, muitos artigos são adquiridos até pela metade do preço do que se paga nas do Centro.

E numa profusão infernal de cores e de estilos, à frente das casas comerciais da Vila e, notadamente, da avenida Duarte Lemos, as roupas tremulam sobre as cabeças dos pedestres. As bancas avançam calçada adentro e empregados de algumas das lojas, de microfones ou não, entoam cantinelas e pregões, chamando os fregueses para chegar "porque os precinhos são os menores da praça".

Desde 1940, Jaime Ronchi é proprietário da Casa Ronchi, na Duarte Lemos, e fala que naquela época existia na avenida uma infinidade de armazéns de secos e molhados. Os armazéns se foram, cedendo lugar a modernos supermercados, instalados agora em suas proximidades. Só na Pedro Nolasco existem quatro: Santa Martha, Bom Preço, Faé e Novo Box, sem se falar nas pequenas mercearias nas imediações do Mercado.

Ainda no Mercado e lojas próximas, encontra-se praticamente de tudo em matéria de artigos de umbanda. São muitas as casas que comercializam tal tipo de mercadoria e nelas encontra-se desde velas, custando de Cr\$ 50 a Cr\$ 300,00, a estatuetas como a de Maria Conga, da linha de Preto Velho, a Cr\$ 15 mil, ou a de Pai Xangô, da linha de Caboclos, a Cr\$ 12 mil.

Na região, mais precisamente na Duarte Lemos, existe um grande número de pensões e dormitórios. E, situação curiosa é que a maioria se localiza nos velhos casarões onde se paga Cr\$ 500 ou Cr\$ 600 para pernoitar. A clientela é a que os proprietários chamam de peões: são os pedreiros, armadores, eletricitistas, refratários, entre outros profissionais, que pagam de mensalidade no Guarany, por exemplo, Cr\$ 20 mil quando só almoçam ou Cr\$ 25 mil quando fazem as duas refeições.

A VALORIZAÇÃO

Ao citar o volume de veículos que percorre a Duarte Lemos e a aglomeração de pessoas nos pontos de ônibus de Vila Velha e de Cariacica, Honorato Vicentini, sócio-proprietário da Casa Vicentini, fundada em 1928, compara a avenida de hoje à então rua daquela data. "Através de mão dupla, carroças, e mais tarde os bondes e o trem, à percorriam e a gente podia atravessá-la de olhos fechados".

Para ouvir o que se diz no interior de sua loja, como em quase todas da avenida, é preciso praticamente gritar ou falar as palavras duas ou três vezes. Seu irmão, e também sócio,

Joecir Secreta



Dona Neuza: "Tem roubo a toda hora"

Domingos Coelho, apartamentos com dois quartos estão sendo alugados por Cr\$ 50 mil, e com três, por Cr\$ 85 mil. A venda de um apartamento nesta última condição está em Cr\$ 9 ou Cr\$ 10 milhões. Na faixa dos imóveis comerciais, os preços são infinitamente maiores, dependendo da área. Pelo andar térreo uma área de 230 metros quadrados, onde está sua loja, a firma Itapoã paga Cr\$ 452 mil mensais, e em casos de espaços menores, como de 28 metros quadrados, os locatários estão pagando Cr\$ 77 mil.

O MERCADO

Quando se fala na Vila Rubim, quase que automaticamente se associa o Mercado no lugar, e quem conheceu a região nos idos de 1950, como Ascendino Gonçalves, fuala das transformações. Ele conta que em 1955, as mercadorias eram vendidas "ao céu aberto", e posteriormente — onde hoje estão a peixaria e o aviário — começou a funcionar um pequeno mercado, conhecido como Coréia, onde eram muitas as confusões entre doqueiros, pivetes e a Polícia. Depois, segundo complementa, foram construídas palafitas para onde passou o mercado velho.

O mercado é o que se pode chamar de um autêntico comércio persa, onde se encontra desde abacaxis até roupas e calçados. Quando da instalação dos atuais galpões, na administração Setembrino Pelissari, os comerciantes de frutas e verduras consideravam-se satisfeitos por não terem concorrentes. Uma situação alterada há mais ou menos dois anos, quando os ambulantes passaram a ocupar a praça Manoel Rozindo como posto de venda de mercadorias similares.

Embora os preços não difiram muito, os comerciantes do Mercado queixam-se da interferência dos ambulantes em seu campo de ação. Alegam que, por não pagarem impostos e não terem horário fixo para as vendas, além de tirar-lhes a freguesia têm maiores lucros. Os ambulantes rebatem as críticas, argumentando que não lhes tiram os fregueses e que também precisam vender seus produtos para garantir a sobrevivência.

Além dos muitos ambulantes — vendedores de mercadorias variadas, espalhados pelas calçadas — a Vila comporta atualmente, na chamada Praça do Palmito, de propriedade da Prefeitura, alguns ambulantes que vendem roupas e bijouterias. O vendedor Antônio Pires, há quase três meses no local, opina que o espaço acomodaria um número bem maior de vendedores, mas face ao fraco movimento de vendas muitos preferem trabalhar nas ruas do Centro. "Às vezes a gente faz Cr\$ 2 mil, às vezes Cr\$ 8 mil, e às vezes nada".

VIOLÊNCIA

Os pivetes, embora tenham diminuído suas "atividades" segundo os comerciantes, diante da instalação, há sete meses, de uma cabine policial perto das Casas Pernambucanas, ainda dominam o cenário da Vila. Para insegurança daqueles que acorrem ao mercado ou às lojas para fazerem suas compras e, muitas vezes, têm suas carteiras batidas nos pontos de ônibus ou ruas. O policial em serviço informa que todos os dias são registradas na cabine dez notificações de furtos.

Os roubos acontecem a qualquer hora. Mesmo com o sol quente, como conta Neuza Rosa Gama, da Travessa Benedito Silva, "Noutro dia, uma vizinha saiu às três horas da tarde para depositar um cordão na Caixa Econômica Federal. Quando ia passando aqui frente de casa, um ladrão voou no pescoço dela para pegar o cordão e só não o levou porque um morador a socorreu".

A violência parece ter sempre imperado na Vila, como se constata pelos comentários de Ascendino Gonçalves: "Quando aqui funcionou o Coréia, era frequente a violência. Tinha muita, mas muita briga mesmo, entre os doqueiros, pivetes e a Polícia". Mário Zardini, da Casa Zardini, existente há 30 anos na Duarte Lemos, complementa: "Na época do Coréia, isto era muito perigoso. Tinha mais pivetes que agora. Hoje melhorou um pouco, depois da instalação da cabine policial".

Embora com uma outra conotação, também pode se chamar de violência a vida que levam os mendigos que, sob a Ponte Seca têm a sua moradia. Alheios ao mau-cheiro que vem das peixarias e ao lixo ali depositado pelos garis da Prefeitura — comerciantes das redondezas, eles têm seus vasilhames, em que preparam a comida, usando restos de alimentos ali jogado pelos comerciantes do Mercado.

Joecir Secreta



Carros ocupam ruas onde transitavam carroças